

ORAÇÃO PRINCIPAL NOS LIVROS DIDÁTICOS

Felipe de Andrade Constancio (UFRJ)
felipe.letras.ac@gmail.com

RESUMO

Propõe-se, neste trabalho, a análise de dois livros didáticos de Língua Portuguesa destinados ao terceiro ano do Ensino Médio. Nestas duas obras, objetiva-se mapear o tratamento que recebem as orações principais no âmbito do período composto. A discussão ensejada atrela-se ao fato de que as orações principais não são devidamente conceituadas em manuais didáticos de ensino de Língua Portuguesa, o que cria problemas de delimitação da categoria gramatical na estruturação do período. A falta de conceitualização e de propostas atreladas aos aspectos sintático-discursivos no ensino das orações principais revela a necessidade de um exercício crítico frente ao ensino de gramática, sobretudo, nos materiais produzidos para aplicação na escola básica.

Palavras-chave:

Ensino de gramática. Oração principal. Livro didático.

ABSTRACT

In this work, we propose the analysis of two Portuguese language textbooks intended for the third year of high school. In these two works, the objective is to map the treatment that the main prayers receive within the scope of the compound period. The discussion is linked to the fact that the main clauses are not properly conceptualized in Portuguese language teaching manuals, which creates problems in delimiting the grammatical category in the structuring of the period. The lack of conceptualization and proposals linked to syntactic-discursive aspects in the teaching of main clauses reveals the need for a critical exercise in the teaching of grammar, especially in materials produced for application in basic schools.

Keywords:

Teaching grammar. Main clause. Textbook.

1. *Considerações iniciais*

Assim como existem problemas de conceitualização em gramáticas e em compêndios de referência na tradição descritiva do português a respeito da constituição sintático-funcional das orações principais, existem inconsistências pedagógicas no trato desse tópico da língua em materiais didáticos.

Veja-se o que diz Neves (2017):

Tenho acompanhado seguidamente a questão, e neste texto volto a uma análise empírica, agora balizada pelo exame de livros didáticos em uso na

segunda faixa do atual ensino fundamental. O estudo situa-se no processo escolar de estudo da língua materna, buscando verificar, muito especificamente, nessas obras destinadas ao uso direto pelos alunos, o modo de conceituação das classes gramaticais, dentro do quadro de entidades tradicionalmente reconhecidas na gramática do português. (NEVES, 2017, p. 123-4)

Embora Neves (2017, p. 123-4) aborde os problemas de conceituação de categorias gramaticais em seu estudo, eles são discutidos à luz dos conteúdos gramaticais analisados no nível do ensino fundamental. Diferentemente dessa proposta, a análise do tratamento das orações principais é operada, neste trabalho, por via da investigação em materiais didáticos voltados ao ensino médio.

A seguir, sugere-se uma discussão relacionada aos seguintes aspectos: os materiais didáticos parecem não contemplar um diálogo entre o que se opera no período simples e a sua respectiva repercussão no período composto; os domínios da coordenação e da subordinação parecem ser trabalhados em descompasso, na medida em que a decomposição de períodos ainda é uma prática recorrente nas aulas de língua portuguesa; consequentemente, o tratamento das orações principais fica aquém das expectativas da análise do período composto, uma vez que se dedicam maiores esforços na descrição de orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

Além dessas críticas pontuais, o trabalho busca fundamentar a insuficiência de abordagem das orações principais na análise de dois livros didáticos destinados à última série do ensino médio, fase escolar em que os alunos são imersos no território específico de estudo do período composto. Analisam-se, ainda, algumas propostas de exercícios voltados ao reconhecimento das orações principais, especificamente antepostas às orações substantivas, que são o objeto de nossa investigação. Em linhas gerais, este estudo torna-se, portanto, mais uma tentativa de observar que um estudo improdutivo com as orações principais no ensino básico ratifica a noção de que há uma herança das abordagens linguísticas tradicionais que repercute na escola.

2. *Problemas de delimitação e de conceituação*

Sobre a abordagem dessa temática revisitada, pontua Duarte (2014, p. 206): “é lamentável que muitas gramáticas pedagógicas mais recentes só tratem desses dois mecanismos de organização sintática – a coordenação e a subordinação – no âmbito do período composto”. A reclamação da autora parece configurar uma problemática que está na ordem do dia.

De fato, parece não haver um reconhecimento das noções de coordenação e de subordinação no período simples. Em relação à subordinação, que configura, de modo geral, o interesse mais amplo deste trabalho, as designações *oração principal* e *orações subordinadas* estão destacadas prototipicamente nas seções dedicadas, em livros didáticos, ao período composto por subordinação.

A crítica de Duarte (2014) reside, portanto, no fato de que o trabalho em “seção” parece anular a validade desses estatutos que podem ocorrer simultaneamente em períodos, cuja concomitância revela nitidamente um conhecimento linguístico-discursivo por meio do qual o utente da língua lança mão em contextos de fala ou de escrita variados. A abordagem da coordenação e da subordinação perde, nos materiais didáticos, a possibilidade de se operar com estruturas complexas da língua em uso.

Assim sugere Duarte (2014):

Em resumo, quando falamos/escrevemos utilizamos dois processos fundamentais de organização sintática: a coordenação e a subordinação. No primeiro caso, colocamos lado a lado estruturas (simples ou oracionais) independentes uma da outra sintaticamente: uma não é constituinte da outra; no segundo, subordinamos termos (simples ou oracionais), isto é, construímos estruturas em que um termo se subordina a outro, isto é, funciona como constituinte do outro. (DUARTE, 2014, p. 207)

Além de toda essa negligência, revista e reivindicada por Duarte (2014), a autora reporta-se, neste momento, a um outro problema observado na descrição desses estatutos em materiais didáticos, a saber: as definições e os exemplos parecem não coadunar uma linha coerente no tratamento do período composto.

Por vezes, a definição das categorias do período composto não dá conta de uma realidade específica de uso observada nos próprios exemplos utilizados como *corpora*, uma vez que estes desabonam a conceituação, por meio de suas possibilidades de usos que apresentam flutuação das potencialidades sintático-semânticas distintas daquelas que são preconizadas no material didático.

A seguir, investe-se na análise mais detida no processo de descrição das orações principais em dois livros didáticos. Vale ressaltar que o objetivo do trabalho se insere na proposta mais restrita que é dar visibilidade à estrutura da oração principal geralmente precedente às orações substantivas, como se pode notar nos livros didáticos avaliados.

3. Dois livros didáticos

Para examinar especificamente a conceituação e a exemplificação das orações principais no eixo do período composto, mais detidamente no encadeamento dessas orações ditas principais com as orações substantivas, são postas em análise dois livros didáticos, a saber: *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, de Cereja e outros autores (2016), e *Português: contexto, interlocução e sentido*, de Abaurre e outros autores (2016), ambos destinados ao trabalho com a terceira série do ensino médio.

No livro didático *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, de Cereja e outros autores (2016), a descrição do período composto fica reservada a um apêndice no fim da obra, cuja designação é “Análise sintática do período composto”. Sobre a justificativa para a existência do capítulo, pontua Cereja (2016):

A análise da função que as orações podem exercer nos períodos, também conhecida como análise sintática do período composto, já teve, no passado, bastante relevância nos estudos de gramática na escola.

Nos dias de hoje, quando os estudos de língua se voltam mais para as funções sociais do texto e a adaptação da linguagem a situações de comunicação diversas – isto é, o uso da língua para produzir e ler textos dos mais variados gêneros de forma adequada e coerente – a análise das orações perdeu prestígio. Alguns de seus conceitos básicos, entretanto, podem auxiliar no estudo de certos tópicos importantes da gramática prescritiva e da norma-padrão, como a pontuação. (CEREJA, 2016, p. 330)

Embora façam menção à designação período composto, os autores (2016) não conceituam esse tópico da dita “gramática prescritiva”. Há a conceituação das orações subordinadas: “são aquelas que mantêm uma dependência sintática em relação à oração principal, ou seja, desempenham uma função sintática em relação a outra” (CEREJA, 2016, p. 331). A oração principal também é mencionada no dito apêndice gramatical, mas, igualmente, não é conceituada.

O manual, neste sentido, parece pressupor que o leitor já tem pleno domínio da designação oração principal, uma vez que faz menção à existência desse tipo de oração no período composto por subordinação, por exemplo, no item “orações substantivas”. Veja-se como, mais uma vez, é negligenciada a conceituação das principais, quando o autor define as orações substantivas:

São aquelas que têm valor de substantivo e exercem em relação à oração principal uma das funções próprias do substantivo, que pode ser de sujeito,

de objeto direto, de objeto indireto, de complemento nominal, de predicativo do sujeito e de aposto. Introduzidas pelas conjunções integrantes que e se. (CEREJA, 2016, p. 331)

Por meio de exemplos descontextualizados, Cereja (2016, p. 331) ocupa-se tão somente de classificar e de separar as orações principais das orações substantivas, por meio de um espaço em branco. Segue um exemplo do autor (2016, p. 331):

(1) “É bom que você chegue mais cedo amanhã”.

or. principal or. subord. subst. subjetiva

Além de os exemplos serem criados pelo autor (2016), eles só priorizam o aspecto classificatório, uma vez que os segmentos separados não oferecem ao suposto consulente (alunos do ensino médio, vale lembrar) as razões que o levaram a classificar segmentos oracionais com as denominações “oração principal” e “oração subordinada substantiva subjetiva”. O leitor não tem, portanto, acesso a uma conceituação de oração principal.

O livro didático *Português: contexto, interlocução e sentido*, de Abaurre e outros autores (2016) divide-se em três seções – Literatura, Gramática e Produção de texto. Os conteúdos referentes à exploração das orações principais estão localizados, na obra, na seção de Gramática, mais especificamente, em três capítulos.

Abaurre (2016, p. 181) define o período composto por subordinação e as respectivas orações que dele participam; a oração principal, no entanto, não é conceituada. Diferentemente do livro de Cereja (2016), a autora (2016, p. 181) investe em muitos exemplos que ajudam a ancorar a compreensão das estruturas oracionais do período composto junto aos respectivos usos das orações.

A oração principal é diversas vezes mencionada ao longo de três capítulos sobre o período composto por subordinação, mas em nenhum deles recebe um enfoque direcionado para as suas questões conceituais, assim como não recebe um enfoque a respeito de sua constituição interna. A oração principal é vista como mero coadjuvante no processo de subordinação de períodos:

Período composto por subordinação é aquele constituído por uma oração principal à qual se subordinam as demais orações, que atuam, sintaticamente, como termos da oração principal (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto, agente da passiva, adjunto adnominal e adjunto adverbial). (ABAURRE, 2016, p. 181)

Embora não haja uma conceituação de oração principal na obra de Abaurre (2016), a autora lança mão de análises específicas da estrutura interna das principais. Por meio de exemplos e de recursos visuais, muitos registros são usados para ilustrar o encadeamento entre as orações principais e as orações substantivas.

No exemplo abaixo, Abaurre (2016, p. 195) investe em uma análise morfossintática dos constituintes das orações do período composto:

(2) “Não, acho que ele tá rindo!”

Por meio de quadros distribuídos ao longo do capítulo, são efetuadas análises sintáticas do período. No caso deste exemplo específico, a autora considera os itens sintáticos na seguinte análise: “o verbo da primeira oração (acho) é transitivo direto e não tem, nessa mesma oração, um objeto direto que complete o seu sentido”. Veja-se que a consideração da estrutura predicatoria do verbo parece remeter à análise do período simples (aliás, sempre trazido à tona nas análises do período composto) e, por conseguinte, a oração substantiva, responsável pelo preenchimento sintático do verbo da principal, comporta-se como um complemento, sendo neste caso um complemento oracional.

Além das análises sugeridas em caixas autoexplicativas, os recursos visuais (setas, cores distintas, legendas) são, com frequência, usados no texto expositivo deste livro didático. A segmentação entre orações principais e orações substantivas é empreendida por via desses recursos visuais, o que torna a leitura igualmente autoexplicativa. Talvez o leitor não saiba definir uma oração principal após a leitura atenta do texto, mas indubitavelmente ele é levado a refletir sobre a sua estrutura morfossintática ao longo da exposição e dos comentários dos exemplos.

A seleção de exemplos para a segmentação das orações principais mostra uma preocupação constante das autoras (2016) em fornecer, para a apreensão e o reconhecimento do período composto, gêneros textuais variados (tirinhas, artigos de opinião). Embora esses textos sejam oferecidos ao leitor, eles não encaminham, na obra, a noção de que o texto é pretexto para o ensino de gramática. Por essa ótica, vê-se que o livro didático de Abaurre (2016) oferece ao leitor um panorama acerca do ensino de gramática e sua consequente reflexão sobre os usos da língua. A seguir, exploram-se as atividades destinadas ao reconhecimento de orações principais e substantivas neste livro.

4. Sugestão de atividades em livros didáticos

Como o livro didático de Cereja (2016) não oferece práticas pedagógicas – exercícios e outras atividades – a respeito do funcionamento sintático das orações principais, pontuam-se a seguir algumas observações acerca de atividades sugeridas no livro didático *Português: contexto, interlocução e sentido*, de Abaurre (2016).

Após apresentar os conceitos e os respectivos exemplos das orações substantivas, sem a conceituação da oração principal, Abaurre (2016) propõe seis exercícios para a aplicação do que se estudou na unidade período composto, de modo a evidenciar uma aplicação pedagógica em torno dessas orações em estudo. São, de modo geral, exercícios de interpretação, de decomposição e de classificação de orações.

Sobre os exercícios de interpretação, pode-se dizer que eles são um investimento na compreensão dos enunciados do cartum, da tirinha e do artigo de opinião, todos usados como item motivador das perguntas mais globais, isto é, perguntas voltadas para o que se pode chamar de interpretação textual. Nenhuma dessas perguntas, portanto, vale-se da oração principal como item motivador de algum fator de interpretação.

Os exercícios de decomposição e de classificação de orações têm basicamente o seguinte comando (2016, p. 202): “essa fala tem uma estrutura subordinada. No caderno, transcreva as orações que a compõem e classifique-as”. Espera-se, desse modo, que o aluno classifique as orações mencionadas no comando da questão como principal e substantiva. Nesse sentido, os exercícios de classificação parecem exigir, no livro didático em questão, apenas a memorização das estruturas que sequenciam, de modo que questões como o posicionamento de ambas as orações e a seleção das unidades que as compõem sejam negligenciadas.

No entanto, há um exercício, no livro em questão, que busca enfatizar o uso das orações principais como fator de reiteração e de construção de posicionamento de enunciador. Este exercício localiza-se na última página do capítulo destinado à análise das orações substantivas e é elaborado em torno de um artigo de opinião, intitulado “O grito” e escrito por Martha Medeiros.

Transcreve-se abaixo um trecho deste artigo de opinião que motivou a produção do exercício, o único portanto, em que o uso de orações principais antepostas a orações substantivas parece ter um alcance no domínio sintático-semântico:

O grito
Não sei o que está acontecendo comigo, diz o paciente para o psiquiatra.
Ela sabe.
Não sei se gosto mesmo da minha namorada, diz um amigo para o outro.
Ele sabe.
Não sei se quero continuar com a vida que tenho, pensamos em silêncio.
Sabemos, sim. (MEDEIROS *apud* ABAURRE, 2016, p. 202)

O exercício que avalia essa potencialidade sintático-semântica das orações principais diz: “para tratar desse assunto, a autora utiliza uma estrutura sintática recorrente. Transcreva no caderno os períodos em que ocorre essa estrutura”. Obviamente, a questão pede que o aluno apresente as orações em estrutura de paralelismo sintático iniciadas por “não sei”, que é uma oração principal recorrente, reiterada nos períodos do texto de Martha Medeiros.

Evidencia-se, em um exercício desta natureza, que as orações principais podem ter uma função discursiva, a saber: elas podem ser a âncora discursiva para o que se quer veicular em termos de opinião. O texto opinativo de Martha Medeiros construiu-se motivado pelas estruturas reincidentes de oração principal. Sem essas orações, não seria possível projetar a estrutura argumentativo-opinativa que constitui a arquitetura de todo o texto.

Da análise específica dos exercícios do livro de Abaurre (2016), constata-se o seguinte equívoco: não há um diálogo explícito entre a parte teórica da obra e a sua respectiva sugestão prática, na medida em que as orações principais não são sequer conceituadas, não têm sua potencialidade discursiva explorada ao longo da exposição, mas, contraditoriamente, são exigidas (por meio de reconhecimento, classificação e atribuição de valor semântico) ao longo da elaboração dos exercícios.

Embora a análise dos dois livros didáticos tenha ratificado a noção de que a estrutura e o funcionamento da oração principal são negligenciados, há que se destacar um aspecto conveniente a este trabalho: talvez a estrutura e o funcionamento da oração principal sejam menos relevantes quando esta antecede uma oração substantiva, como se mostra nos livros didáticos analisados; talvez a oração principal que tenha posição de destaque, ou seja, que se antepõe a uma oração adjetiva ou a uma oração adverbial, mereça mais enfoque em relação ao seu conteúdo semântico nas gramáticas escolares.

No mesmo livro didático de Abaurre (2016, p. 211), quando se expõem os conteúdos sintático-semânticos das ditas orações adverbiais, a autora lança mão do seguinte exemplo:

- (3) “O Papa ficou tão furioso com o cacarejo das galinhas que mandou desativar o galinheiro.”

De acordo com a autora (2016, p. 211), a oração sublinhada deve classificar-se como oração principal e, conseqüentemente, a oração restante, como oração adverbial consecutiva. E a explicação não para por aí. Ainda segundo a autora, a oração sublinhada apresenta o intensificador semântico “tão”, o que cria no período uma tensão discursiva em que o conteúdo semântico que decorre daí deve ser interpretado como conteúdo consecutivo. O exemplo mostra como um item posicionado no interior da oração principal intervém, sobremaneira, para que haja uma reinterpretação da oração subordinada adverbial.

Este descompasso de análise – só as orações principais que estão diante das orações adverbiais merecem tratamento discursivo – parece se reproduzir nos materiais didáticos adotados no ensino médio, com certa recorrência. Essa incongruência teórico-metodológica tem, portanto, conseqüências decisivas para o ensino de língua portuguesa, mais especificamente em torno do período composto por subordinação.

A falta de conceituação e de materiais linguísticos, que deem conta de uma abordagem mais discursiva das orações principais antepostas a orações substantivas, deve redirecionar o olhar investigativo dos professores de língua portuguesa e de outros profissionais da linguagem, no sentido de que pode implicar a reprodução de práticas pedagógicas cujos efeitos são majoritariamente a mera reprodução de exercícios de decomposição e de classificação de períodos.

5. *Considerações finais*

Vê-se, por intermédio da análise das duas obras didáticas voltadas para o ensino médio, que a incoerência metodológica na descrição pode acarretar um trabalho improdutivo com categorias da gramática. Dessa forma, revisitar o texto didático pode significar, por parte do analista da língua, um retorno acerca do que se tem feito em nível de pesquisa linguística no Brasil, de modo que os materiais didáticos parecem, ainda, conservar moldes descritivos que não investem, portanto, em questões como

pragmática, discurso e expressividade no uso de certas categorias gramaticais.

O exame das orações principais que antecedem orações substantivas demonstrou que há um descompasso significativo em relação ao tratamento das principais no eixo do que se tem chamado análise do período composto. De modo geral, pode-se dizer que não só nas obras de referência da tradição gramatical ainda figuram inconsistências de abordagem teórico-metodológica, mas também se pode notá-las em obras destinadas à escola básica. A Tabela 1, a seguir, sintetiza essa inconsistência nas obras didáticas estudadas, nas quais a oração principal sequer é conceituada:

Tabela 1: Abordagens dos livros didáticos.

AUTORES/OBRAS	CONCEITOS
Cereja (2016, p. 331) / <i>Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso</i>	Sobre a oração substantiva: “São aquelas que têm valor de substantivo e exercem em relação à oração principal uma das funções próprias do substantivo, que pode ser de sujeito, de objeto direto, de objeto indireto, de complemento nominal, de predicativo do sujeito e de aposto. Introduzidas pelas conjunções integrantes que e se.”
Abaurre (2016, p. 181) / <i>Português: contexto, interlocução e sentido</i>	Sobre o período composto por subordinação: “Período composto por subordinação é aquele constituído por uma oração principal à qual se subordinam as demais orações, que atuam, sintaticamente, como termos da oração principal (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto, agente da passiva, adjunto adnominal e adjunto adverbial).”

Fonte: Constancio (2018, p. 64-5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete M. *et al. Português: contexto, interlocução e sentido*, v. 3. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

CEREJA, William *et al. Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, v. 3. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

CONSTANCIO, Felipe de Andrade. *Oração principal: dos bastidores gramaticais à cena discursiva*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

DUARTE, Maria Eugênia. Coordenação e subordinação. In: BRANDÃO, S.F.; VIEIRA, S.R. (Orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. Categorias gramaticais em materiais didáticos. In: CASSEB-GALVÃO, V.; NEVES, M.H. de M. (Orgs). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.